

Líderes condenam posição do Sindicato dos Bancários

As lideranças empresariais do Estado consideram absolutamente injusta e inconseqüente a postura do Sindicato dos Bancários em fincar o pé e não querer suspender a greve que, na visão deles, amplia ainda mais os prejuízos que vêm sofrendo tanto aquela casa bancária como a própria sociedade nortio-grandense. O fechamento do Bandern, que causou um problema muita sério para o comércio e a indústria do Estado, afirmam, tem o seu espectro nocivo muito mais amplo, a partir do direcionamento dado ao movimento grevista, pela direção

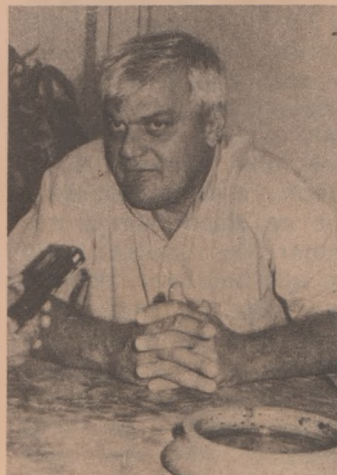
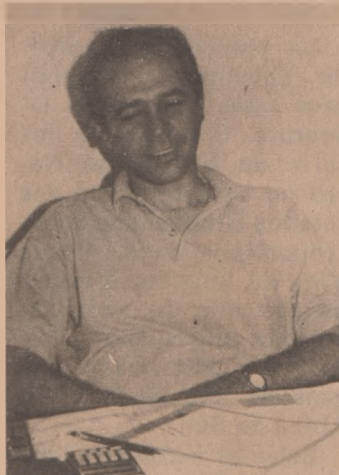
do Sindicato dos Bancários, em não querer compreender o mal que está causando.

Na verdade, os empresários concordam com o liquidante do Bandern, José Roberto Alves, quando ele afirma que não seria necessária a volta ao trabalho de todo o contingente de funcionários, mas apenas de uma fração, a fim de levantar o movimento contábil, paralisado a partir da deflagração da greve. Por outro lado, não compreendem o receio dos bancários sobre a possibilidade da falência do Banco, caso retornem e

haja uma corrida às contas correntes e poupanças. Recordam, para a presidência dos bancários, o teto estabelecido pelo Banco Central para o pagamento à clientela do Banco, cujo limite é de 3.500 Valores de Referência, cerca de Cr\$ 3 milhões, alocados pelo governo federal.

Alguns empresários chegam a considerar a greve válida, "por representar uma forma de distribuição de riqueza", embora advertindo que, no caso do Bandern, tornou-se uma tortura para os pequenos e médios correntistas e poupadores.

Fotos: Wellington Barbosa



“É difícil para um empresário como eu dizer que acho que, em princípio, os bancários deveriam voltar, porque estaria, de certa forma, sendo contra o Bandern ser liquidado. Não diria que concordo com a greve, mas como única forma de se forçar uma melhor distribuição de renda, posso dizer que sou a favor. Agora, acredito que eles deveriam voltar ao trabalho, que deverá haver um consenso, uma segunda rodada de conversação. Seria revoltante para toda a sociedade e até a nível nacional se essa liquidação se consumasse com os dados que o Bandern dispõe e com os que ele precisa”.

A declaração é de Abelfrio Rocha, 1º vice-presidente da Fiern. “Acho que deveria voltar ao trabalho um número suficiente de funcionários, negociado com o Sindicato, e que os dados que o liquidante quer fossem levantados. Pelo menos, uma parcela da população não seria prejudicada”, disse.

“A greve dos Bancários foi providencial até um certo momento. Hoje, é uma greve que está sendo nociva para toda a população do Rio Grande do Norte. A esta altura já ficou claro que para que as pessoas recebam o dinheiro que está na caderneta de poupança e o de conta corrente precisa que os funcionários voltem ao trabalho, para que o liquidante tenha o saldo de todo mundo”, afirma Anchieta Costa, diretor da Confederação Nacional dos Dirigentes Lojistas.

“É preciso que os bancários voltem, levando em consideração que eles são 2.000 e tem mais de 100 mil famílias prejudicadas por conta disto. Tem mais de 10 mil pequenas e micros empresas que estão em situação vexatória sem poder pagar seus funcionários, impostos e compromissos por conta do Bandern não estar com suas contas em dia. A solução mais sábia e inteligente seria voltar, deixando as contas em condições de pagar”.

“O Bandern é viável, e indispensável. A Associação dos Supermercados do RN (ASSURN) entende que, nesse movimento do Bandern seria interessante que houvesse, não a liquidação, mas sim a continuidade de seu funcionamento. Que haja a intervenção, mas que haja a continuidade. Houve a greve, mas na hora em que foi dado o aumento, quando o Banco já estava interditado, os funcionários já deveriam estar prontos para voltar”.

A opinião é do presidente da ASSURN, José Geraldo de Medeiros, que afirma ter sido o impacto do fechamento do Bandern não apenas danoso ao movimento dos supermercados, “mas para todo o comércio, em todas as áreas”. Ele afirma haver grande expectativa por parte dos dirigentes de supermercados com o Bandern, tendo em vista o movimento do comércio no final de ano. “Queremos que haja, não o fechamento, mas o trabalho dos bancários, com o Banco não interditado, mas com auditoria”.

“O Bandern, que está hoje em liquidação, pelo o que o próprio liquidante e o Banco Central disseram, tem reversão. Agora, essa reversão parte, principalmente, com a volta dos funcionários do Banco. Pelo que sabemos, se os funcionários não voltarem, a tendência é o Banco não ser liquidado, mas ir para a falência. E hoje, nós temos uma preocupação muito grande não só com o comércio em relação ao Bandern, mas com a comunidade como um todo, que está com seu dinheiro preso, sem poder movimentar, muitos deles passando necessidade”.

A declaração é do presidente da Federação do Comércio, Ronaldo Resende, que se mostrou “preocupado com a intransigência dos bancários, que não pensa no problema como um todo”. “Se o Bandern é um Banco social como o próprio Sindicato diz, também tem que pensar no social e não apenas nos 2.000 funcionários”.

Para o presidente da Associação Comercial, Carlos Andrade, “a situação do Bandern é muito delicada para todo o Rio Grande do Norte”. Ele cita uma grande quantidade de pequenos empresários, agricultores e pecuaristas no interior do Estado que trabalham com o Bandern, prejudicados com o seu fechamento.

“Esse prejuízo está sendo agravado pelo comportamento dos funcionários. Se eles tivessem retornado, a situação já teria sido amenizada, pela liberação das contas correntes e da poupança, dentro dos limites preestabelecidos pelo Banco Central. O que o pessoal está fazendo está indo de encontro aos interesses de toda a sociedade. O RN tem hoje cerca de 1 milhão e meio de habitantes e temos 2.000 pessoas pensando só nelas. Eles não voltando, só estão contribuindo para a liquidação do Banco”, disse.

“Para o presidente do CDL, Laurence Nóbrega, o problema vivido pelo Bandern “parece um jogo que ninguém quer movimentar a primeira peça”. “Cerca de 40% dos comerciantes estão tendo títulos enviados ao cartório, quando têm recursos bloqueados no Bandern sem render um centavo. Já fizemos ver inclusive às lideranças do Sindicato dos Bancários que era preciso um pouco de moderação, para que se encontrasse uma fórmula que conciliasse ambos os interesses, dando aos poupadores e aos correntistas a perspectiva de sacarem seu dinheiro”, disse.

Ele não acha falta de sensibilidade nos bancários. “Há uma distorção na análise do problema. Deve haver uma fórmula conciliatória que atenda aos diversos setores, principalmente ao pequeno poupador e depositante com seus recursos bloqueados, que estão passando necessidade mesmo”.

Saúde do povo piora com liberação dos preços de remédios

Fotos: Eduardo Felipe



Aroldo Paiva: a medida só beneficia empresários

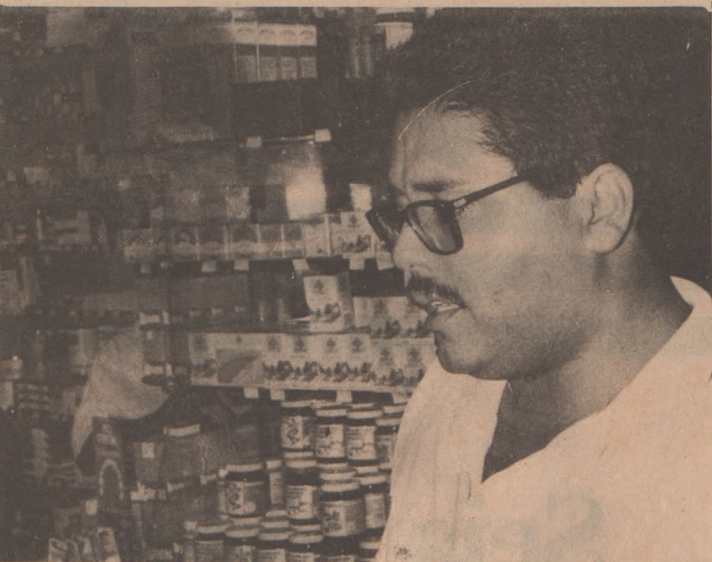
A saúde do povo brasileiro está de mau a pior. E agora como se não bastasse a má qualidade do atendimento médico, o governo federal resolve liberar os preços dos remédios, depois de 40 anos de controle. Somente serão beneficiados, com esta medida, os inescrupulosos empresários e proprietários de farmácias, que já estão massacrando o povo com seus aumentos abusivos.

Sem nenhum respeito pelos “descamisados”, que seriam prioridade no seu governo, o presidente Collor dá mais um golpe na saúde do povo. Com a liberação dos preços dos medicamentos, a camada de renda mais baixa da população vai ficar doente e não vai ter mais acesso à farmácia, comprar o remédio que precisa para curar suas doenças.

Para o delegado da SUNAB, Eduardo Lago, o que está sendo observado no momento é um aumento abusivo por parte dos

laboratórios. Este abuso, continuou, já é uma preocupação ao governo, que está vigilante. “Claro que existem farmácias aumentando os preços, mas o problema maior são os laboratórios”, disse Eduardo. Ele explicou que o governo não vai admitir a cartelização, e que qualquer setor que se direcionar por esse caminho será combatido rigorosamente pelo governo.

A preocupação por parte dos proprietários de farmácias é grande quanto a queda do mercado. “As



Lonilson: poderia haver padronização dos preços

vendas caíram. Acho que não deveria ter havido a liberação total. Poderia ter havido uma padronização, pois a quantidade que foi liberada foi muito grande”, diz o proprietário de farmácia, Lonilson de Oliveira.

Segundo ele, quem compra direto no laboratório tem um certo desconto, mas se comprar direto ao representante não existe qualquer abatimento, aumentando ainda mais o produto para o consumidor.

Aroldo Paiva, gerente da farmácia, acredita que quem vai ser mais beneficiado com as medidas serão as indústrias e os representantes de laboratórios, e que os preços fica-

ção estáveis. Ele diz ainda que, “mesmo com o aumento, a procura de medicamentos vem se mantendo regular. Mas, mesmo assim não aprovei o aumento, porque no momento o medicamento já está com o preço lá em cima. Se o governo mantivesse esse aumento por 3 meses, a população não deixaria de comprar, mas com esses aumentos abusivos a tendência é cair o movimento”, explicou Paiva.

Quase unânime, os comerciantes de medicamentos confirmam as quedas nas vendas. “As vendas caíram, mas sou a favor do controle, para uma acomodação dos preços, para que sejam mais jus-



Marcos Gomes: “penaliza os mais pobres”

tos. Entendo que está havendo um abuso por parte das indústrias. Pode ser que futuramente haja um equilíbrio, mas acho melhor que os produtos básicos sejam tabelados pelo governo, e aquele que não fosse tão necessário poderia ser liberado. Remédio é uma coisa que não tem substituto”, disse Marcos Brandão.

Ainda segundo Marcos, essa resolução penaliza mais o pobre. A não ser que a Central de Medicamentos (CEME), forneça à população os medicamentos necessários para sua saúde. “Esta é uma alternativa. Mas, no momento, não existe esse atendimento, pois sempre está faltando medicamentos.

Às vezes, falta até o “Dipirona”, que é um dos remédios mais comuns para a dor”.

Na opinião do médico Franklin Capistrano, “as tais medidas não vão oferecer em absoluto nada ao consumidor, porque a grande massa da população não tem condições, e a classe média que compra medicamento está sofrendo na pele os efeitos dessa liberação de preços”.

Para Capistrano, o aumento da taxa inflacionária é muito menor que o aumento concedido. “Acreditado que sem dúvida haverá uma baixa no consumo. Muita gente deve ir ao consultório e, na saída, vai guardar a receita”, disse.

Afinal, existe ou não a discriminação racial em nossas TVs?

A prática de racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão" – isso é o que diz o inciso LXII, do artigo 5º, no capítulo 1, que trata "Dos direitos e deveres individuais e coletivos", na nova Constituição brasileira. Mas, será que em nossas TVs, especialmente nos telejornais do Rio Grande do Norte, existe a discriminação racial contra os negros, já que raramente, ou quase nunca, se vê um repórter e muito menos um apresentador negro?

O diretor de jornalismo da TV Ponta Negra, Bosco Afonso, disse que se existe essa discriminação, ele desconhece. "Creio que é mais a falta de profissionais que venham a se adaptar a estas funções e que se disponham a trabalhar. De repente, pode ser que haja uma retração por parte de cada um", disse ele. O diretor de jornalismo acrescentou que já falou com um repórter negro de uma emissora AM, mas este simplesmente se recusou a aceitar o convite para trabalhar na TV.

O jornalismo negro Aluisio Vianna disse que no RN existe, sim, a discriminação racial, mas que por questões culturais do próprio homem. Agora, também, o maior problema no RN, como em todo o Brasil, não é somente a discriminação pela cor, mas também por questões sociais. "Se o negro for bem sucedido e tiver status, ele é bem aceito em qualquer setor da sociedade", completou Aluisio.

Aluisio acrescentou que seria hipocrisia o Brasil negar suas raízes negras. "Nós tivemos em um país capitalista e o capitalismo

visa o lucro, e este está associado à beleza exterior, que por sua vez ajuda a vender. O próprio país coloca como padrão estético o branco".

Aluisio afirma que não aceitaria uma função de apresentador ou repórter de TV, pois não se afina com televisão, até porque se sente bem e com mais prazer no jornalismo impresso, onde ele considera estar o verdadeiro jornalista. Aluisio acha ainda que não há uma retração por parte do próprio negro querendo trabalhar numa emissora de TV. Para ele é mais uma questão psicológica, de cada um se sentir bem psicologicamente.

Volmar Malgarin, que é diretor de jornalismo da TV Potengi, afirmou que a questão da discriminação ao negro jornalista parte das seguintes causas: as pessoas negras são em menor número que de brancos; economicamente, são menos privilegiados e de baixo poder aquisitivo. Daí, o que existe é um fator de seleção. São 300 brancos para 10 negros. "Qual seria a chance?" – pergunta ele.

Malgarin falou que ne-

gros e brancos possuem universos diferentes, e que, em função da educação no Brasil, o próprio negro se reprime e daí surge um maior preconceito. Até para se conseguir qualquer profissão, a grande maioria deles tem receio e há até uma resistência.

Na opinião do professor Belchior de Vasconcelos Leite, que ensina Literatura Brasileira e faz parte do Movimento Negro no Estado, existe nos Estados Unidos uma lei de proporcionalidade que trata de integrar o negro no mercado de trabalho. Belchior afirma que o Brasil é um país racista, até mais do que os E.U.A e África do Sul.

Belchior acrescenta que a lei da Constituição não vale no Brasil, pois não há consciência para que estas leis sejam cumpridas. Mas ele acha, por outro lado, que é melhor que exista lei no texto constitucional do que não existir nada.

Luiz Assunção, que é professor de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da UFRN, diz que já é uma forma de discriminação o negro não ter uma maior participação no mercado de trabalho. Mas, nos grandes centros, apesar das dificuldades, o negro tem maior oportunidade de melhorar a sua qualificação profissional.

O negro jornalista, segundo o professor Luiz,



Assunção: a não participação no mercado já é uma discriminação

que quer ser apresentador ou repórter, não tem acesso ao mercado dos profissionais qualificados. Ele sempre fica à margem, até por causa da própria cultura da sociedade brasileira. O negro tem muita dificuldade em entrar neste mercado, enquanto o branco tem o controle do poder nas estruturas sociais, acrescentou.

Ao lado dessa discriminação, continua o professor Luiz, existe a própria posição da classe social em que o negro se encontra, a chamada classe menos privilegiada. "No Brasil, existe realmente a discriminação racial", diz ele, acrescentando que as pessoas sentem no seu dia-a-dia a discriminação camu-

flada em algumas situações.

Luiz Assunção falou que não há retração dos próprios negros para o mercado, até porque já existem muitos movimentos negros no Brasil. "A lei inserida na Constituição Federal é mais uma conquista dos movimentos negros, concluiu.

MULTGÁS

Seja independente,
adquira seu próprio cilindro
para os gases: Oxigênio,
Nitrogênio, Argônio e outros gases

INFORMAÇÕES E VENDAS:

Multgás - Av. Interventor Mário Câmara, 2105
Dix Sept Rosado Fone: 223-1713

